

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

SETEMBRO DE 1866

Nº 9

Os Irmãos Davenport em Bruxelas

Os irmãos Davenport acabam de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações. Temos numerosos correspondentes nesse país, mas não nos consta, nem por informação destes, nem pelos jornais, que tais senhores ali tenham sido alvo das cenas lamentáveis que ocorreram em Paris. Será que os belgas dariam lições de urbanidade aos parisienses? Poder-se-ia crê-lo, comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma opinião formada, uma cabala organizada contra eles; e a prova disso é que os atacaram antes de saber o que iam fazer, antes mesmo que tivessem começado. Vaiar os que fracassam, os que não cumprem o que anunciam, é um direito comprado em toda parte, quando se paga a entrada. Mas, escarnecê-los, insultá-los, maltratá-los, quebrar seus instrumentos, antes mesmo que entrem em cena, é o que não se permitiria o último saltimbanco da feira. Seja qual for a maneira por que se considere esses senhores, tais procedimentos não têm desculpa num povo civilizado.

De que os acusavam? De se fazerem passar por médiuns? De pretenderem operar com a ajuda dos Espíritos? Se, da

parte deles, era um meio fraudulento para excitar a curiosidade do público, quem tinha o direito de se queixar? – Os espíritas, que podiam achar ruim a exibição de uma coisa lamentável. Ora, quem se queixou? Quem denunciou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente os que não crêem nos Espíritos. Todavia, entre os que mais alto gritam que eles não existem, que fora do homem nada há, alguns acabam, graças às manifestações, se não por crer, ao menos por temer que haja alguma coisa. O medo de que os irmãos Davenport viessem prová-lo muito claramente desencadeou contra eles verdadeira cólera; se tivessem certeza de que eles não passavam de hábeis prestidigitadores, não haveria razão para temerem o primeiro escamoteador que surgisse. Sim, estamos convictos de que o medo de os ver triunfar foi a causa principal dessa hostilidade, que precedeu o seu aparecimento em público e preparou os meios de fazer abortar o seu primeiro espetáculo.

Mas os irmãos Davenport não passavam de um pretexto; não era à sua pessoa que visavam, mas ao Espiritismo, ao qual pensavam que eles pudessem dar uma sanção, e que, para grande pesar de seus antagonistas, frustra os efeitos da malevolência, pela prudente reserva de que jamais se afastou, apesar de tudo quanto fizeram para dela fazê-lo sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Era preciso conhecê-lo muito pouco para crer que aqueles senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, lhe pudessem servir de auxiliares. Contudo, serviram à sua causa, mas dele fazendo falar na ocasião e, sem o querer, a crítica lhe deu a mão, provocando o exame da doutrina. É de notar que todo o arruído feito em torno do Espiritismo é obra desses mesmos que o queriam abafar. O que quer que tenham feito contra ele, este jamais gritou; os adversários é que gritaram, como se já se julgassem mortos.

Extraímos do *Office de publicité*, jornal de Bruxelas, que dizem ter uma tiragem de 25.000 exemplares, as passagens

seguintes de dois artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, bem como duas cartas de refutação, lealmente inseridas no mesmo jornal. Apesar de um tanto gasto, o assunto não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE

“É bem certo que tudo acontece e que não se deve dizer: ‘Desta água não beberei.’ Se me tivessem dito que algum dia eu veria o armário dos irmãos Davenport ou esses ilustres feiticeiros, eu teria sido capaz de jurar que isto jamais aconteceria, pois basta que me digam que alguém é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais obstinado do que eu. Eu não iria ver um milagre quando o mostrassem de graça: essas coisas me inspiram a mesma aversão que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; acho idiotas os Espíritos batedores e as mesas inteligentes, e não há superstição que me faça fugir para o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições, eu teria ido engrossar a multidão no caso dos irmãos Davenport, quando os diziam em comércio regular com os Espíritos! Também confesso que não me teria vindo a idéia de desmascarar a trapaça, de quebrar o seu armário e provar que realmente eles não eram feiticeiros, pois me parece que, assim, eu teria dado a prova de que eu mesmo tinha acreditado em suas pompas e em seus prodígios. Ter-me-ia parecido infinitamente mais simples afastar, logo de início, essa suposta feitiçaria e supor que, tendo enganado a tanta gente, deveriam ser criaturas muito hábeis em seus exercícios. Quanto a compreender, eu não me teria dado a esse trabalho. Para quê, desde que os Espíritos aí não tomam parte? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos no outro mundo para neste virem fazer o papel de comparsas, *para quê, ainda?*”

“Li com muita atenção, embora tivesse em que empregar melhor o meu tempo, a maior parte dos livros usados

pelos espíritas e aí encontrei tudo quanto era necessário para satisfazer a necessidade de uma religião nova, mas não com que me converter a essa velha novidade. Consultados todos os Espíritos, cujas respostas são citadas, nada disseram que não tivesse sido dito antes deles e em melhores termos do que as repetiram. Ensinaríamos que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender incessantemente a tornar-se melhor e que a vida é uma provação, coisas todas já sabidas há milhares de anos, e para a revelação das quais era inútil evocar tantos mortos ilustres e até personagens que, por mais célebres que sejam, jamais existiram. Não falo mesmo do Judeu-Errante; mas, imaginai que eu vá evocar Dom Quixote e que ele volte; isto não seria divertido ao máximo?

“Eu não tinha mais que uma objeção a respeito dos irmãos Davenport, já que não passavam de hábeis prestidigitadores. Esta objeção se resume nisto: *afastado com muito gosto todo o Espiritismo, e de comum acordo*, seus exercícios bem podiam não passar de um divertimento medíocre. É provável que não me tivesse vindo a idéia de ir vê-los se, feita a oferta graciosa de ir até lá, eu não tivesse considerado que a crônica obriga, que nem tudo são rosas na vida e que o cronista deve ir aonde vai o público e aborrecer-se um pouco, com direito à desforra. Resolvido a fazer as coisas em consciência, inicialmente fui de dia à sala do *Círculo Artístico e Literário*, onde se ocupavam na montagem do famoso armário. Vi-o ainda incompleto, à luz do dia, e despojado de toda a sua “poesia”. Se as ruínas precisam da solidão e das sombras da noite, os truques dos prestidigitadores necessitam da luz do gás, da multidão crédula e da distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogam as cartas à mesa. Podia-se ver, e entrava quem quisesse. Um empregado ianque montava o armário com tranqüilidade; os violões, os pandeiros, as cordas, as campainhas lá estavam, de mistura com cofres, roupas, pedaços de tapetes, telas de embalagem; tudo ao abandono, à mercê de qualquer um e como desafio à curiosidade. Isto parecia dizer: Virai, revirai, examinai, procurai, investigai, fazei alguma coisa! nada sabereis.

“Nada há mais de insolentemente simples que o armário. É um armário para roupa branca, para vestuários, e que absolutamente não tem o aspecto de ser feito para alojar Espíritos. Pareceu-me de nogueira; na frente tem três portas, em vez de duas e se me afigura danificado pelas viagens que fez ou pelos ataques que sofreu. Dei uma olhadela, não muito de perto, porquanto, por mais aberto que estivesse, imaginei que um móvel tão misterioso devia cheirar a mofo, como a espineta mágica na qual escondiam Mozart em criança.

“Declaro formalmente que, a menos de aí pôr minhas roupas, eu não saberia o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada qual no seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: já tinha um aspecto monumental. A sala estava cheia, como jamais estive nos dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes bancavam as despesas da noite. O mais belo público que se pode ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais belas mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de Cassação, presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, senadores, ministros, representantes, jornalistas, artistas, empreiteiros de construção, marceneiros, *“que eram como um buquê de flores!”* O honrado Sr. Rogier, ministro dos negócios estrangeiros, estava naquele sarau, onde lhe fazia companhia um antigo presidente da Câmara, o Sr. Vervoort que, desiludido das grandezas humanas, só conservou a presidência do Círculo, aliás uma realeza encantadora. À vista disto, senti-me completamente seguro. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento, dizendo-me: ‘Vedes! A Áustria e a Prússia podem bater-se quanto queiram. Contanto que a crise europeia não perturbe o nosso ministro dos negócios estrangeiros, a Bélgica pode dormir em paz.’ Isto me pareceu peremptório, vós mesmo o julgareis e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorridente ao sarau dos irmãos Davenport, podeis dormir tranquilamente. É o que tendes melhor a fazer.

“Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport *e de modo algum procurei compreender o seu mistério*. Tudo quanto posso dizer, sem pensar o mínimo em lhes diminuir o sucesso, é que não me é possível sentir o menor prazer nestas coisas. Elas não me interessam. Em minha presença amarraram os irmãos Davenport; dizem que os amarraram muito bem; depois puseram farinha em suas mãos e os trancaram no armário, baixaram a luz do gás e ouvi um grande ruído de violões, de campainhas e de pandeiros no armário. De repente o armário abriu-se: um pandeiro rolou até os meus pés, brusca e violentamente, e os irmãos Davenport apareceram, desamarrados, saudando o público e sacudindo a farinha que haviam posto em suas mãos. Aplaudiram muito. Aí está!

– Enfim, como explicais isto?

– Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem. Quanto a mim, por mais que deite os bofes pela boca, absolutamente não sinto vontade de o explicar. Eles se desamarraram, eis tudo; e a mágica da farinha foi feita com habilidade. Acho os preparativos demorados, o ruído enfadonho e tudo pouco divertido. E nada de espírito, nem no singular, nem no plural.

– Assim, não acreditais?

– Não; creio no aborrecimento que senti.

– E o Espiritismo? não acreditais nele?

– Isto é pergunta de Sganarello a Don Juan. Logo ireis perguntar se creio no espírito mau. Responderei como Don Juan, que acredito que dois e dois são quatro e que quatro e quatro são oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e alhures, não seria forçado a fazer reservas.

– Então sois ateu?

– Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

– Assim, acreditais em Deus, na imortalidade da alma, na...

– Creio. É a minha felicidade e a minha esperança.

– E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro são oito!

– Precisamente. Tudo está aí. *O turco é uma bela língua.*

– Então ides à missa?

– Não. Mas não vos impeço de ir lá.

O pássaro no galho, o verme brilhando na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia. Amo a Deus apaixonadamente e sem temor. Que quereis que, com isso, eu faça das religiões e de outras variedades do *davenportismo*?¹⁷

– E o Espiritismo? e Allan Kardec?

– Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito melhor se usasse o seu nome verdadeiro, é tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral comum, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto quanto do armário dos Davenport, com ou sem violões. Li as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet e, salvo citações feitas das obras dos homens ilustres, é pesado e por vezes banal. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do grupo*: meu diretor me diria que o macarrão é bom, mas que dele não se deve abusar. O Espiritismo tem sobrenatural e

17 N. do T.: *Grifo nosso*. Alusão aos irmãos Davenport.

dogmas e eu desconfio desse bloco enfarinhado. Já havia dito isto há cinco anos, falando da doutrina, pois se trata de uma doutrina: aí há de tudo para *improvisar* uma religião nova. Seria melhor ser simplesmente religioso e ater-se às revelações do Universo.

“Vejo esta religião despontando. Já é uma seita, e considerável; não podeis imaginar o número e a seriedade das cartas que já recebi, por ter abordado o Espiritismo ultimamente. Ele tem os seus fanáticos, terá os seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Assim que esse novo dogma conquistar dez por cento dos crentes, veremos o seu clero. Eu o creio destinado a herdar do catolicismo, tendo em vista os seus aspectos sedutores. Esperai apenas que os espertos aí se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados surgirão através do mistério da coisa, que é suave e poética, como as ervas daninhas num campo de trigo.

Eis duas cartas que foram dirigidas. Vêm de pessoas leais, ingênuas e convictas; é por isto que as publico.

“Ao Sr. Bertram.

“Há quatro anos eu era o que se pode chamar um franco-retardatário. Católico sincero, acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal. Assim, eu teria aceito sem discutir a Encíclica de Pio IX¹⁸, com todas as suas conseqüências na ordem política.

“Mas, perguntareis, para que serve esta confissão de um desconhecido? Palavra de honra, Sr. Bertram, vou informar-vos,

18 **N. do T.:** Alusão à encíclica *Quanta cura* (1864), que condenava o liberalismo, o socialismo e o naturalismo. Pio IX (1792-1878) foi um dos papas que por mais tempo estiveram à testa da Igreja Católica. Seu pontificado durou trinta e dois anos, incluindo todo o período em que Allan Kardec codificou o Espiritismo.

mesmo sob o risco de excitar a vossa verve trocista ou *de vos fazer fugir até o fim do mundo*.

“Um dia vi, em Antuérpia, uma mesinha, vulgarmente chamada mesa falante, que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre estes havia espíritos fortes, maçons que não acreditavam em Deus, nem na alma. A coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec; fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram que tais fenômenos eram obra exclusiva do... demônio. Não lamentei o tempo que isto me custou; muito ao contrário. Nesses livros não só achei a solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída para muitas questões, para muitos problemas que eu me questionava de longa data. Aí encontrastes matéria para uma religião nova; mas, Sr. Bertrand, acreditais que haveria grande mal nisto, se fosse o caso? O catolicismo corresponde de tal modo às necessidades de nossa sociedade que não possa ser revigorado, nem substituído vantajosamente? Ou acreditais que a Humanidade possa dispensar toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas é, em grande parte, céptico e materialista. Nessas condições jamais ligaria as massas a si, tampouco o catolicismo ultramontano. Se o Espiritismo um dia for chamado a tornar-se uma religião, será a religião natural, bem desenvolvida e bem compreendida, e esta, certamente, não é nova. É, como dizeis, uma velha novidade; mas é, também, um terreno neutro, onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, um dia poderão dar-se as mãos.

“Seja como for, desde que me tornei espírita, algumas más línguas me acusam de me haver tornado livre-pensador. É verdade que a partir de então, assim como os espíritos fortes, de que falava acima, não creio mais no sobrenatural, nem no diabo; mas, em compensação, acreditamos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos uma estrada segura e por ela

queremos impulsionar o carro do progresso, em vez de o retardar. Vedes, pois, que o Espiritismo tem ainda seu lado bom, já que pode operar tais mudanças. E agora, para voltar aos irmãos Davenport, seria erro fugir às experiências, ou concluir de modo preconceituoso contra elas, em virtude de serem novas. Quanto mais extraordinários os fatos, mais merecem ser observados conscienciosamente, e sem idéias preconcebidas, porquanto, quem poderia vangloriar-se de conhecer todos os segredos da Natureza? Nunca vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu sobre eles e fiquei admirado da má-fé posta no caso. Os amadores poderão ler com proveito o livro *Forças naturais desconhecidas*, de Hermès (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da Ciência, das críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que aqueles senhores não se apresentam como espíritas, nem conhecem a doutrina, não há por que o Espiritismo lhes tomar a defesa. Tudo o que se pode dizer é que fatos semelhantes aos por eles produzidos são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção de Espíritos inferiores. Apenas até aqui estes fatos ainda não se tinham produzido em condições tão pouco favoráveis, em horas fixas e com tanta regularidade.

“Espero, senhor, que acolhais estas observações desinteressadas e lhes deis hospitalidade em vosso jornal. Possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante para os vossos leitores do que poderíeis supor.

“Vosso Assinante,

H. Vanderyst”

“Ei-la publicada! não me acusarão de pôr “a luz sob o alqueire.”

“Antes de mais, não tenho alqueire; depois, sem qualquer gracejo, não vejo aqui muita luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os espíritas são honestos e

caridosos: seus donativos para as creches mo provaram. Se se apegam aos seus Espíritos superiores e inferiores, nisso não vejo inconveniente. É uma questão entre o seu instinto e a sua razão.

“Há um pós-escrito na carta. Ei-lo:

“Permiti chame a vossa atenção para a obra que acaba de ter a honra do Índice: *Pluralidade das Existências da Alma*, de Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita.”

“Passemos à outra carta:

(Segue-se uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim):

“Estou convicto de que, no dia em que a imprensa se dispuser a desenvolver tudo quanto o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar claro ao homem que cada um traz em si a verdadeira religião, *a consciência*, deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser Supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo, que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, coisas que tornam infelizes os homens? Ensinar ao homem que deve fazer o bem para merecer sua recompensa? Certamente há homens que estão convencidos de tudo isto, mas quantos em relação à generalidade? E tudo isto se pode ensinar ao homem. De minha parte, evoquei meu pai e, conforme as resposta que obtive, a dúvida não é mais possível.

“Se eu tivesse a felicidade de manejar a pena como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral suave e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo, ou a destruição de todo fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos os que vivem da credulidade humana*. Colhem-se todas essas idéias no excelente livro de Allan Kardec. Como eu gostaria que

tivésseis minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudestes encontrar sobrenatural e feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário em nos comunicarmos com nossos parentes e amigos passados ao outro mundo, por meio do fluido que nos põe em contato com eles, do que nos comunicarmos com os irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!”

Tudo publicado sem observação e sem comentário, para provar apenas que o Espiritismo tem, na Bélgica, partidários ardentes em sua fé. Positivamente a seita faz progressos, e logo o catolicismo terá de contar com ela.

“A imprensa parisiense não agiu de má-fé com os irmãos Davenport; o que ela faz ver bem é que estes não mais exibem pretensões ao sobrenatural. Ao menos que eu saiba, já não dão exhibições a cinqüenta francos por cabeça. Entretanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar por esse preço não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer grande influência sobre o futuro das sociedades humanas.”

Bertram

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos muita coisa a dizer sobre o artigo. Sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria dos que outrora foram escritos sobre o mesmo assunto. Ao menos o autor não contesta aos espíritas o direito de ter uma opinião, que ele respeita, embora não a compartilhe. Ao contrário de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todos; já é alguma coisa. Concorde mesmo que os espíritas têm coisas boas e são de boa-fé. Enfim, constata os progressos da doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Assim, faremos apenas ligeiras observações.

O Sr. Bertram nos considera tão bom cidadão quanto ele, e nós lhe agradecemos. Mas acrescenta que fariamos muito bem em usar o nosso nome verdadeiro. Por nosso lado permitimo-nos perguntar-lhe por que assina seus artigos como *Bertram*, em vez de *Eugène Landois*, o que nada tira de suas qualidades pessoais, pois sabemos que ele é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os espíritas são tão simplórios para evocar o Judeu-Errante e Dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que condena; não afetaria apresentá-lo como uma religião, porque, da mesma maneira, todas as filosofias seriam religiões, desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma. Compreenderia, finalmente, que se algum dia o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio, que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: *“Fora do Espiritismo não há salvação.”* Se uma religião se apoiasse no Espiritismo com exclusão desses princípios, não seria mais Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas profundas modificações que traz às idéias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, colherão elementos de progresso. Mas, porque toca em certas crenças religiosas, não constitui um culto novo, como não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e dos que temem vê-lo tornar-se religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu muito acima; é direito seu e não lho disputaremos. Também não lhe contestamos que a moral dos Espíritos nada de novo nos ensina. Isto prova uma coisa: os homens são apenas mais culpados por praticá-la tão pouco. É, pois, de admirar que Deus, em sua solicitude, lhas repita sob todas as formas? Se, a tal respeito, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o era igualmente, pois que ele não fez senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas também são inúteis, pois apenas repetem a mesma coisa em outros termos. Com tal sistema, quanta gente cujos trabalhos seriam inúteis, sem aí incluir os cronistas que, por sua condição, nada devem inventar.

Não resta dúvida de que a moral dos Espíritos é tão velha quanto o mundo, o que nada tem de surpreendente, porquanto, não sendo a moral senão a lei de Deus, esta lei deve ser de toda eternidade e a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensinar? Até agora o código de moral só tinha sido promulgado por algumas individualidades; foi reproduzido em livros que nem todo mundo lê ou compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mas por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família e, a bem dizer, a cada indivíduo. Credes que aquele que tiver sido indiferente à leitura de um livro, que tiver tratado as máximas que ele encerra como lugares-comuns, não ficará diversamente impressionado se seu pai, sua mãe ou um ser que lhe é caro e que respeita, lhe vem dizer, mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: “Não estou perdido para ti, como pensavas; estou ao teu lado, vejo-te e te escuto; conheço-te melhor do que quando estava vivo, porque leio o teu pensamento. Para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc.” Como vedes, é um ensino direto ou, se preferirdes, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vai direto ao coração; que nada custa; que se dirige a todos, ao pequeno como ao grande, ao

pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e desafia o despotismo humano que lhe queria opor uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? Não será uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações só fossem feitas a um único homem privilegiado, pois nada provaria que não se engane; mas, quando milhares de indivíduos as recebem semelhantes, diariamente e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos sejam alucinados? Se o ensino do Espiritismo fosse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centésima parte dos adeptos que possui. Esses livros apenas resumem e coordenam esse ensino; mas o que constitui o seu sucesso é que cada um encontra em seu íntimo a confirmação do que eles encerram.

Só haverá motivo para dizer-se que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo quando se tiver provado que os homens são bastante *bons* para os dispensar. Até lá não é de admirar vê-los repetidos sob todas as formas e em todos os tons.

Direis, Sr. Bertram: – Que me importa que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não é assim com todos. É absolutamente como se dissésseis: “Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha prová-lo!” Cientificamente é algo que prova o mundo invisível; moralmente, é muito. O fato de os Espíritos povoarem o espaço, que se julgava desabitado, é a descoberta de todo um mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução nas crenças. Ora, se a coisa existe, nenhuma negação poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis bem merecem que com ela a gente se preocupe. Sois homem de progresso e repelis um elemento do progresso? um meio de melhorar a Humanidade, de consolidar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais, contra os quais clamais incessantemente? Credes em vossa alma imortal e não vos preocupais absolutamente em saber em que ela

se tornará, em que se tornaram vossos parentes e amigos? Francamente, isto é pouco racional. Direis que não é no armário dos irmãos Davenport que o encontrareis; de acordo. Jamais dissemos que aquilo fosse Espiritismo. Todavia, esse mesmo armário, precisamente por que, certo ou errado, aí fizeram intervirem os Espíritos, fez falar muito dos Espíritos, mesmo aos que neles não acreditavam. Daí as pesquisas, os estudos, que não teriam sido feitos se esses senhores se tivessem apresentado como meros prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seu armário, bem podiam provocar esse meio de fazer uma porção de gente sair de sua indiferença. Vedes que vós mesmo, sem que vos désseis conta, fostes levado a semear a idéia entre os vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas, fora da moral, recomendamos o artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de *O que ensina o Espiritismo*.

O Espiritismo só pede para ser Conhecido

É um fato comprovado que desde que a crítica se voltou contra o Espiritismo, mostrou a mais completa ignorância de seus princípios, mesmo daqueles mais elementares. Ela o provou superabundantemente, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe idéias diametralmente opostas às que ele professa. Como, para ela, o Espiritismo é considerado uma fantasia, disse consigo mesma: “Ele deve dizer e pensar tal coisa.” Numa palavra, ela o julgou pelo que imaginou pudesse ele ser, e não pelo que é realmente. Sem dúvida, lhe era muito fácil esclarecer-se; mas, para isto, era preciso ler, estudar aprofundar uma doutrina toda filosófica, analisar o pensamento, sondar o alcance das palavras. Ora, eis aí um trabalho sério, que não é do gosto de

todo o mundo, muito fatigante mesmo para alguns. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de alguns de seus confrades um julgamento acabado, de acordo com suas idéias cépticas, aceitaram o fundo sem maior exame, limitando-se a lhes fantasiar algumas variantes na forma. Foi assim que as mais falsas idéias se propagaram, quais ecos na *imprensa*, e daí a uma parte do público.

Isto, entretanto, não poderia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de oculto, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambigüidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar sendo mais bem conhecida. A própria violência com a qual era atacada devia provocar o seu exame. Foi o que aconteceu e provoca a reação que hoje se nota. Isto não quer dizer que todos os que a estudam, mesmo seriamente, devam tornar-se seus apóstolos; não, certamente. Mas é impossível que um estudo atento, feito sem idéia preconcebida, ao menos não atenuie a prevenção que se tinha concebido, se não a dissipar completamente. Era evidente que a hostilidade de que era objeto o Espiritismo deveria levar a esse resultado. É por isto que jamais nos preocupamos a tal respeito.

Porque o Espiritismo faz menos ruído neste momento, algumas pessoas imaginam que há uma estagnação em sua marcha progressiva; mas não levam elas em nenhuma conta a reviravolta que se opera na opinião pública? Será uma conquista insignificante ser visto com menos maus olhos? Desde o começo o Espiritismo congregou rodos aqueles em que essas idéias estavam, a bem dizer, em estado de intuição; teve apenas que se mostrar para ser aceito com entusiasmo. É o que explica seu rápido crescimento numérico. Hoje, que colheu o que estava maduro, age sobre a massa refratária; o trabalho é mais demorado; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades, mas, pelas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob os golpes dos Espíritos, que a ferem incessantemente de mil maneiras. Por ser menos aparente, o progresso não é menos real; é como o de um edifício que se eleva com rapidez e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos espíritas, o primeiro momento foi o do entusiasmo. Mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um estado mais calmo; a fé também é viva, mas é mais fria, mais racional e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais suave, cada dia mais bem apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de outro ponto de vista. Não o acham mais tão estranho e tão ridículo, porque o conhecem melhor; os espíritas já não são apontados com o dedo, como animais curiosos; se muitas pessoas ainda repelem o fato das manifestações, que podem conciliar com a idéia que fazem do mundo invisível, não mais contestam o alcance filosófico da doutrina; nova ou velha a sua moral, não deixa de ser uma doutrina moral, que não pode senão estimular ao bem os que a professam. É o que reconhece quem quer que julgue com conhecimento de causa. Agora, tudo quanto censuram nos espíritas é a crença destes na comunicação dos Espíritos; mas lhes relevam essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, acima citado, parece-nos a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos zombadores e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte é no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. É o extrato do *Soleil* de 5 de maio.

“Ao mesmo tempo que apareciam *Os Apóstolos*, do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicava na livraria central uma obra considerável, intitulada *Os Quatro Evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos.

“A massa dos parisienses quase não conhece, em matéria de Espiritismo, senão as falcatruas de alguns escamoteadores, que em vão tentaram abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os espíritas, cheios de ardor e de fé, não deixaram de continuar suas experiências e sua rápida propaganda.

“Em Paris as coisas mais sérias são tratadas do mesmo modo que as coisas mais fúteis. É aqui que, na maioria dos casos, se pergunta se se trata de um deus, de uma mesa, ou de uma bacia. As experiências primárias tentadas entre duas xícaras de chá, por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos parisienses. Se a mesa fingia que girava, riam muito; se, ao contrário, a mesa não se movia, riam ainda mais. E é assim que a questão era aprofundada. A coisa se dava de outra maneira entre a população mais sensata da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava-lhes o ardor. O Espírito de seus parentes correspondia à sua expectativa, e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de haver levantado o véu da morte que, doravante, não lhes podia aterrorizar.

“Se alguma vez houve uma doutrina consoladora, certamente é esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida, que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões espíritas atentas tornam-se mais numerosas. Oram, evocam, crêem. Gente que não sabe escrever, escreve; sua mão é dirigida pelo Espírito.

“O Espiritismo não representa um perigo social, razão por que o deixam espalhar-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria os seus mártires, como o babismo na Pérsia.

“Ao lado das respostas mediúnicas mais sérias, encontram-se indicações e conselhos que provocam riso. O autor de *Os Quatro Evangelhos*, Sr. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário, nem é um ingênuo, nem um brincalhão; contudo, no seu prefácio se encontra a seguinte comunicação:

“É chegado o momento em que te debes pôr em condição de entregar esta obra à publicidade. Não te fixamos limites; emprega com sabedoria e medida as tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada *a partir do mês de agosto próximo*; a partir desta data, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas, de tal maneira que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866.”

Assinados: Moisés, Mateus, Marcos, Lucas, João
Assistidos pelos Apóstolos

“O leitor fica surpreendido por não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levar seu conselho até ao fim e acrescentar: Mandarás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rue des Treilles, em Bordeaux, e a exporás na Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens, em Paris.

“A gente também pára um instante nessa passagem que diz ao autor para *não ultrapassar as forças humanas*. Então o autor as teria ultrapassado, sem essa palavra paternal dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

“O Sr. Renan, sem tocar inicialmente no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina, cuja importância parece não desconhecer. O autor dos *Apóstolos* lembra (pág. 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1^o – a realidade das aparições; 2^o – a longa duração das aparições. Só uma vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan dá um tranco nos espíritas. Diz ele à página 22, segunda nota:

“Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta lembrar as cenas de nossos dias, em que pessoas reunidas reconhecem unanimemente ouvir ruídos sem realidade, e isto com perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição a crer, por vezes complacências inocentes, explicam alguns desses fenômenos que não são produto direto da fraude. Essas complacências, em geral, vêm de pessoas convictas, animadas de um sentimento de benevolência, que não querem que a sessão acabe mal e desejosas de tirar do embaraço os donos da casa. Quando se crê no milagre, sempre se ajuda sem o perceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reuniões. Seria penoso para os que crêem e para os que vos convidaram. Eis por que tais experiências, que dão resultado diante de um pequeno grupo, geralmente falham perante um público pagante e falham sempre ante as comissões científicas.”

“Aqui, como alhures, faltam boas razões ao livro do Sr. Renan. De estilo suave e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam intitular-se os *Últimos Abencérges*. As referências a documentos inúteis, as falsas provas de que a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Não há com que se enganar.

“Conta o Sr. Renan que Maria de Magdala, chorando junto ao túmulo, teve uma visão, uma simples visão. – Quem lho disse? – Ela acreditou ouvir uma voz. – Como sabe que realmente não a ouviu? – Todas as afirmações contidas na obra têm mais ou menos a mesma força.

“Se os espíritas não têm a oferecer como explicação senão sua boa-fé, o Sr. Renan nem mesmo tem esse recurso.

“Aqui não podemos expor o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de o discutir, nem o de ver onde ele nos conduz. Aliás, não seria o lugar para entrar em considerações que o leitor não busca em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme.

O autor não cometeu a asneira ordinária dos comentadores, que muitas vezes são mais obscuros que o próprio texto que querem esclarecer.

“O Espiritismo, que tinha o seu catecismo, terá de agora em diante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Só lhe faltará a prova do martírio.”

Aurélien Scholl

Extrato do *Progrès Colonial* da Ilha Maurício

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Não é somente em nossos países que os jornais, não diremos ainda que simpatizam, mas se humanizam com o Espiritismo, ao qual começam a conceder o direito de cidadania. Lê-se no *Progrès colonial*, jornal de Port-Louis, Ilha Maurício, em data de 15 de junho de 1866:

“Todos os dias recebemos duas ou três destas comunicações espíritas. Mas se nos abstermos de as reproduzir até agora é porque ainda não estamos em condições de consagrar um lugar a essa coisa extraordinária chamada Espiritismo. Que os nossos leitores, curiosos por natureza, tenham um pouco de paciência: não esperarão muito. Se publicamos este pequeno escrito assinado *Lázaro*, é que se trata desse pobre Georges, morto e enterrado tão desgraçadamente.

“Senhor,

“Li hoje uma correspondência inserida em vosso jornal, assinada “Uma testemunha ocular”, relatando a maneira pela qual enterraram o cadáver do infelizmente G. Lemeure.

“Desde muito tempo, senhor, eu sabia perfeitamente que se a miséria não é um vício, pelo menos é uma das maiores calamidades que há no mundo; mas o que eu não queria admitir é que os homens adorassem o bezerro de ouro a tal ponto que não mais respeitem tudo quanto há de mais solene, de maior e mais sagrado para nós: a morte!...

“Assim, pobre Georges, dotado de caráter ameno, honesto e modesto, condenado a viver na maior penúria, suportando as provas deste mundo com coragem e mesmo com alegria, sempre pronto a prestar serviços ao próximo, foste morrer assim isolado, longe dos que te amavam, que talvez te lamentassem; e ainda é necessário, para humilhar tua sombra, que homens, que irmãos te cavem um buraco na terra, só, só com o nada! como se tua pobreza te tornasse indigno de partilhar, como os teus semelhantes, um terreno sagrado. Além disto, não te fizeram sequer a caridade de um caixão, de quatro tábuas! Ainda és muito feliz, pensa esta *boa humanidade*, por repousares na terra úmida e fria, esquecido de todos! Aliás, que lhes importa que teu corpo lá apodreça, sem que um amigo venha aí derramar uma lágrima, lançar uma flor, trazer uma lembrança?

“Paro aqui, pois ainda estou indignado por não terem cumprido nem mesmo as formalidades estabelecidas em semelhante ocasião para com os infelizes. Em todos os países civilizados, dão-se aos parentes ou amigos de uma pessoa morta, encontrada pelas autoridades, vinte e quatro horas para que venham reconhecê-la e a reclamem. Se ao fim desse prazo ninguém veio, então a depositam em terreno santo, observando sempre as atenções devidas à morte. Mas aqui abstêm-se de semelhantes formalidades e se contentam, se não tendes com que pagar as despesas do caixão, em vos jogar num canto qualquer, como um animal, e vos cobrir com dois ou três punhados de pó.

“Repito, senhor, a miséria é um grande flagelo.”

Fenômenos Apócrifos¹⁹

O fato seguinte é relatado pelo *Événement* de 2 de agosto de 1866:

“Desde alguns dias os habitantes do bairro vizinho da igreja de Saint-Médard estavam muito perturbados por um fato singular, misterioso, que dava lugar aos mais lúgubres relatos e comentários.

“Estão fazendo demolições em torno da igreja; a maior parte das casas demolidas tinha sido construída no local de um cemitério, ao qual se liga a história dos supostos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram um decreto do governo que, em 27 de janeiro de 1733, ordenava o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta foi encontrado, no dia seguinte, este epigrama:

De ordem do rei... proibido a Deus
Fazer milagres neste lugar.

“Ora, as casas respeitadas pela marreta do demolidor eram, todas as noites, devastadas por uma chuva de pedras, às vezes muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que destruíam.

“Apesar das mais enérgicas pesquisas, ninguém foi capaz de descobrir de onde vinham os projéteis.

“Não deixaram de dizer que os mortos do cemitério, perturbados em seu repouso pelas demolições, assim manifestavam o seu descontentamento. Mas gente menos crédula, naturalmente pensando que essas pedras, que continuavam a cair todas as noites, fossem lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que mandou organizar uma vigilância por seus agentes.

19 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

“Enquanto a exerciam, as pedras não apareceram, mas assim que a cessaram, recaíram ainda mais abundantes.

“Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X..., proprietária de uma casa na rua Censier, veio declarar ao comissário que, assustada com o que se passava, havia consultado uma sonâmbula.

“Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma moça afetada de um mal da cabeça. Precisamente a minha criada Félicie F..., de dezesseis anos, sofre de herpes nesta parte do corpo.

“Embora não ligasse a menor importância a esta indicação, o comissário consentiu em interrogar Félicie e dela obteve uma confissão completa. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, desde alguns meses tinha acumulado num sótão grande quantidade de pedras e, cada noite, levantava-se para atirar uma parte – pela janela do sótão – sobre as casas vizinhas.

“Suspeitando que a jovem fosse alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que aí fosse examinada por médicos especialistas.”

Prova este caso que se deve evitar atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero e que, quando existe uma causa material, sempre se chega a descobri-la, o que nada prova contra a possibilidade de uma outra origem em certos casos, que não podem ser julgados senão pelo conjunto de circunstâncias, como o de Poitiers. A menos que a causa oculta seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio, sendo conveniente manter reserva. É preciso desconfiar, sobretudo, das armadilhas estendidas pela malevolência, que se deleita em mistificar os espíritas. A idéia fixa da maior parte dos antagonistas é que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos e sem isto não pode viver; que a fé dos espíritas não tem outro objetivo, razão por

que imaginam matar o Espiritismo desacreditando-o em seus efeitos, quer *simulando-os*, quer os *inventando* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem o perceber, atinjam o lado capital da questão, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, entretanto, conhecem muito bem esse lado da doutrina. Mas como ele é inatacável, lançam-se sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à trapaça. Eles querem, custe o que custar, fazer passar os espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. Para eles é um grande desapontamento não os ver extasiados ao menor fato que tenha qualquer laivo de sobrenatural e de os encontrar, em relação a certos fenômenos, mais *cépticos* do que os que não conhecem o Espiritismo. Ora, é precisamente porque o conhecem que sabem o que é possível e o que não o é, e não vêm em tudo a ação dos Espíritos.

No fato relatado acima, é muito curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à moça que diz ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu esta idéia. De onde lhe veio? É bem possível que se tenha encontrado sob o império de uma obsessão que, como sempre, foi tomada por loucura. Se for assim, não será com remédios que a curarão. Em semelhante caso, têm-se visto muitas vezes pessoas a falar espontaneamente dos Espíritos, porque os vêem, e então dizem que estão alucinadas.

Nós a supomos de boa-fé, porque não temos nenhuma razão de a suspeitar; mas, infelizmente, há fatos susceptíveis de gerar a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou loucura ao sair de uma reunião espírita onde havia sido admitida *a instâncias suas, a única a que tinha assistido*. Conduzida imediatamente a um hospício, confessou depois que havia recebido cinquenta francos para representar essa comédia. Era a época em que

procuravam propagar a idéia de que os hospícios regorgitavam de espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pela atração do dinheiro; outras podem ceder a outras influências. Não pretendemos que este seja o caso da moça; apenas quisemos mostrar que quando se quer denegrir uma coisa todos os meios são bons; para os espíritas é uma razão a mais de se guardarem, observando tudo escrupulosamente. Aliás, se tudo o que se trama às ocultas prova que a luta não terminou e que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, também prova que nem todo mundo olha o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há a guerra a céu aberto, feita mais geralmente pela incredulidade zombeteira. Evidentemente esta se modificou. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas, de cuja boa-fé e razão não se pode suspeitar, a impassibilidade dos espíritas, sua calma e moderação em presença das tempestades levantadas contra eles, deram em que refletir. Diariamente a imprensa registra fatos espíritas. Se, nesse número, os há verdadeiros, outros são, evidentemente, inventados pelas necessidades da causa da oposição. Não negam mais os fenômenos, mas procuram torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática muito inofensiva, porque hoje, em certas matérias, não é difícil fazer a parte da inverossimilhança. Os jornais da América nada ficam a dever nas invenções a esse respeito, e os nossos se apressam em os repetir. É assim que, em sua maioria, reproduziram a seguinte história, no correr de março último:

“ESTADOS UNIDOS – Executaram um homem em Cleveland (Ohio), o Dr. Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso, atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinária. Aproveitou a ocasião para fazer uma dissertação sobre a utilidade e a justiça da pena de morte, que não durou menos de meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é simplesmente ridícula. Qual a vantagem de tirar-me a vida? Nenhuma. Certamente não será o meu exemplo que desviará outros do crime.

Será que me lembro de ter atirado com uma pistola? De tudo não guardo a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fira justamente, mas, ao mesmo tempo, digo que ela é louca e vã.

“Se pretendeis que esta corda, amarrada em meu pescoço e apertada até que eu morra, tenha por efeito prevenir o assassinato, digo que o vosso pensamento é louco e vão, porquanto, no estado de espírito em que se achava John W. Hughes quando assassinou, não há exemplo na Terra que pudesse ter impedido um homem, fosse quem fosse, de fazer o que fiz. Inclino-me perante a lei estadual, com o pensamento de que é um assassinio tão inútil quanto cruel tirar-me a vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que prova a sua inanidade.

“Em seguida Hughes fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e a imortalidade da alma. Positivamente, nessas graves matérias, suas doutrinas não são ortodoxas, mas ao menos atestam um sangue-frio singular. Também falou do espiritualismo ou, antes, do Espiritismo. Sei, disse ele, por minha própria experiência, que há entre os que saem da vida e os que ficam, comunicações incessantes. Hoje vou sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, tenho certeza de que estarei convosco depois de minha execução, como aqui me encontro agora.

“Meus juízes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos, que viestes aqui para me ver morrer, não há um só que não me reveja em carne e osso, vestido de negro, como estou, levando meu próprio luto prematuro, tanto durante seu sono quanto nas horas de suas ocupações diárias. – Adeus, senhores, espero que nenhum de vós faça o que eu fiz; mas se houver algum que se ache no estado mental em que eu mesmo estava quando cometi o crime, por certo não será a lembrança deste dia que o impedirá. Adeus.”

“Depois desta arenga, o alçapão caiu e o doutor Hughes ficou pendurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre a assistência, do que resultaram singulares efeitos. Eis o que hoje encontramos a respeito no *Herald* de Cleveland:

“Estando no cadafalso e com a corda no pescoço, o doutor Hughes disse que estaria com os que o ouviam, tão bem após a sua morte como antes, e que parece ter levado a peito cumprir sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, achava-se um honesto açougueiro alemão. Esse homem, desde a sua entrevista com o condenado, não tem no cérebro senão o Dr. Gughes. Tem incessantemente diante dos olhos, noite e dia, a qualquer hora, prisões, patíbulos, homens enforcados. Não dorme mais, não come, já não cuida da família nem dos negócios, e ontem à noite esta visão quase o matou.

“Acabava de entrar em seu estábulo para tratar dos animais, quando viu de pé, junto de seu cavalo, o Dr. Hughes, vestido com a mesma roupa negra que usava ao deixar nosso planeta, e parecendo gozar de excelente saúde. O pobre açougueiro soltou um grito terrível, um urro do outro mundo, e caiu para trás.

“Correram, ergueram-no; tinha o olhar desvairado, a face lívida, os lábios trêmulos e, com voz ofegante, perguntou, ao recobrar os sentidos, se o Dr. Hughes ainda estava lá. Dizia ter acabado de vê-lo e, se não estava mais no estábulo, não podia estar longe. Foi a custa de grandes esforços que o acalmaram e o levaram para casa. A visão o perseguiu sempre e, conforme as últimas notícias, ainda estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

“Mais eis o que é ainda mais curioso. O açougueiro não é o único a quem o Dr. Hughes tem aparecido depois de morto. Dois dias após a sua execução, todos os detentos o viram, com os

próprios olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como no patíbulo; muitas vezes passava a mão pelo pescoço e, ao mesmo tempo, deixava escapar da boca um som gutural, que sibiliava entre os dentes. Subiu as escadas que levam à cela, entrou, sentou-se e pôs-se a escrever versos. Eis o que contaram os presos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido joguetes de uma ilusão.”

Este fato não deixa de ter o seu lado instrutivo pelas palavras do paciente. É verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como o narrador, em sua última alocução resolveu falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo*, julgou por bem enriquecer seu relato com as aparições, que só existiram no bico de sua pena, exceto a primeira, ao açougueiro, que parece ser real.

– *Tom, o cego*, não é um conto de fantasmas, mas um fenômeno de inteligência inacreditável. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpers Weekly*, jornal ilustrado de Nova Iorque, consagra-lhe longo artigo, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Não havia dois anos que ele traduzia pelo canto tudo o que lhe feria o ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com que captava um motivo que, ouvindo as primeiras notas de um canto, podia executar sua parte. Logo começou a acompanhar, fazendo segunda voz, embora jamais os tivesse ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que algo de semelhante devia cantar-se.

“Aos quatro anos ouviu um piano pela primeira vez. À chegada do instrumento, estava, como de hábito, brincando no pátio. A primeira vibração das teclas o atraiu ao parlatório (salão). Permitiram-lhe que manejasse as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade e não lhe recusar o inocente prazer de

fazer um pouco de ruído. Uma vez, de meia-noite ao amanhecer, ele ficou no salão onde tinha aprendido a entrar. O piano não tinha sido fechado e as moças da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, ouviram Tom tocando um de seus trechos e de manhã ainda o encontram ao piano. Então lhe permitiram tocar quanto quisesse. Ele fez progressos tão rápidos e tão admiráveis que o piano se fez eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu, assim, novas e prodigiosas faculdades, até então desconhecidas no mundo musical, e cujo monopólio parece que Deus tinha reservado a Tom. Ele tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, compôs uma música que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva.*

“Em Filadélfia, setenta professores de música assinaram uma declaração que assim termina: ‘De fato, sob qualquer forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele demonstrou um poder e uma capacidade que o colocam entre os mais admiráveis fenômenos, cuja lembrança foi guardada pela história da música. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por qualquer das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da Ciência.’

“Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão raramente ouvidos. É na próxima primavera que ele deve ir à Europa.”

Eis a explicação dada a respeito pelo Sr. Morin, médium, numa reunião espírita de Paris, em casa da princesa O..., em 13 de março de 1866, e à qual assistíamos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

“Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego. Suas aptidões musicais são muito exaltadas pelos grandes propagadores de novidades, que não são avaros em

fatos imaginários, destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso que desconfieis muito das reproduções e, sobretudo, dos empréstimos, reais ou supostos, que fazem os vossos jornalistas aos seus colegas de além-mar. Muitos balões de ensaio são lançados visando fazer cáírem os espíritas na armadilha, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos no domínio do ridículo. Assim, ponde-vos em guarda e jamais comenteis um fato sem, previamente, vos terdes bem informado, e sem haver pedido a opinião de vossos guias.

“Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das idéias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritos ou seus prosélitos demasiado confiantes. Por todos os lados são estendidas *armadilhas aos espíritas*; todos os dias aí trazem aperfeiçoamentos; grandes e pequenos estão à espreita, e o dia em que pudessem surpreender o chefe em erro, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm tal confiança em si, que se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: ‘Não se deve vender a pele do urso antes de tê-lo matado.’ Ora, o Espiritismo, sua besta negra, ainda está de pé e bem poderia fazê-los usar os sapatos antes de se deixar atingir. É de cabeça baixa que um dia virão queimar incenso ante o altar da verdade que, em tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

“Aconselhando-vos a vos manterdes em reserva, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas neles não se deve crer antes de os ter visto e, sobretudo, de os ter ouvido.”

Ebelmann

Um tal prodígio, mesmo deixando larga parte ao exagero, seria a mais eloqüente defesa em favor da reabilitação da

raça negra, num país onde o preconceito de cor está tão arraigado; e se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da Ciência, sê-lo-ia de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão uma lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, perguntarão, seria uma retrogradação do Espírito passar da raça branca à raça negra? Retrogradação de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se renasce pobre, ou de mestre se renasce servo, mas não retrogradação do Espírito, pois teria conservado suas aptidões e aquisições. Esta posição ser-lhe-ia uma prova ou uma expiação; talvez, ainda, uma missão, a fim de provar que essa raça não é votada pela natureza a uma inferioridade absoluta. Aqui raciocinamos na hipótese da realidade do fato e para os casos análogos que pudessem apresentar-se.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica e não necessitam de outro comentário além do que acaba de ser dado. O primeiro, relatado pelo *Soleil* de 19 de julho, é considerado de origem americana; o segundo, tirado do *Événement* do mês de abril, é abertamente parisiense. Sem sombra de dúvida, são os espíritas que se mostrarão mais incrédulos e mais endurecidos. Quanto aos outros, a curiosidade bem poderia levar mais de um a conhecer a causa que dizem produzir tantas maravilhas.

“Os Espíritos batedores e outros parece que fixaram domicílio em Taunton, escolhendo para teatro de suas proezas a casa de um infeliz médico da cidade. O porão, os corredores, os quartos, a cozinha e até as águas-furtadas do doutor são assombradas durante a noite pelas sombras de todos os que ele enviou para um mundo melhor. São gritos, lamentos, imprecações, ironias atroztes, conforme o espírito das sombras, que às vezes não

tem sombra de espírito.

– Tua última poção me matou, diz uma voz cavernosa.

– Alopata, grita uma voz mais jovem, tu não vales mesmo um homeopata.

– Eu sou a tua vítima número 299, a última de todas, salmodia uma outra aparição. Trata ao menos de fazer uma cruz quando chegares a 300.

“E assim por diante. A vida do infortunado médico não é mais suportável.”

A outra anedota é também espirituosa:

“Foi domingo à noite, durante terrível tempestade, cujas devastações foram enumeradas pelos jornais de ontem. Debaixo da chuva e dos relâmpagos, uma caleche descia a Avenida de Neuilly; dentro se achavam quatro pessoas; tinham jantado numa casa muita agradável e hospitaleira, perto do parque de Neuilly e, animados pela noite agradável e despreocupados da tempestade, os quatro viajantes se entregavam a uma conversa um tanto leviana.

“Falavam de mulheres, dizendo mal delas e até mesmo as caluniando um pouco. O nome de uma jovem foi posto em causa e alguém emitiu dúvidas quanto à nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não tinha vindo à luz em Nanterre.

“De repente, um trovão fez estremecer as portinholas, um relâmpago iluminou toda a carruagem e a chuva açoitava os vidros quase os quebrando. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram*, então, de pé, à sua frente, na viatura, um quinto viajante, ou, melhor, uma viajante – era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago;

depois, como se o fantasma tivesse querido protestar contra a calúnia que dirigiam à jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de viagem e os cobriu com uma neve perfumada.

“Havia, é verdade, um médium entre os quatro viajantes.

“Nada vos obriga a dar crédito a esta história inverossímil e, de minha parte, não creio nela um traidor; palavra. Foi um dos quatro viajantes quem ma contou e ma afirma. Ela me pareceu original, eis tudo!”

Cabelos Esbranquiçados sob a Impressão de um Sonho

Lê-se no *Petit Journal* de 14 de maio de 1866:

O Sr. Émile Gaboriau, comentando o fato atribuído àquele marido que teria assassinado a esposa sonhando, conta no *Pays* o dramático episódio que se vai ler:

“Mas eis que é mais forte e devo dizer que acredito no fato, cuja autenticidade me foi afirmada sob juramento, pelo herói em pessoa.

“O herói, meu camarada de colégio, é um engenheiro de cerca de trinta anos, homem de espírito e de talento, de caráter metódico e temperamento frio.

“Como percorresse a Bretanha há dois anos, teve de passar a noite num albergue isolado, a algumas centenas de metros de uma mina, que pretendia visitar no dia seguinte.

“Estava cansado. Foi cedo para a cama e não custou a dormir.

“Logo sonhou. Acabavam de o pôr à frente da exploração dessa mina vizinha.

“Vigiava os operários, quando chegou o proprietário.

“Esse homem, brutal e mal-educado, o censurou por ficar fora e de braços cruzados, quando devia estar no interior, ocupado em traçar o plano.

– Está bem! eu desço, respondeu o jovem engenheiro.

“Com efeito desceu, percorreu as galerias e elaborou uma planta.

“Terminada a tarefa, entrou num cesto que o devia trazer para fora. Um cabo enorme servia para içar esse cesto.

“A mina era extraordinariamente profunda e o engenheiro calculou que a ascensão duraria bem um quarto de hora; assim, instalou-se o mais comodamente possível.

“Já subia há dois ou três minutos quando, erguendo os olhos por acaso, julgou ver que o cabo ao qual estava suspensa a sua vida, estava cortado a alguns pés acima de sua cabeça, muito alto para que pudesse alcançar a ruptura.

“Logo de início seu pavor foi tal que quase desmaiou. Depois tentou recompor-se, tranqüilizar-se. Não se teria enganado, visto mal? Foi preciso apelar energicamente a toda a sua coragem para ousar olhar novamente.

“Não; não se tinha enganado. O cabo se havia rompido por alguma lasca de rocha e, lentamente, mas visivelmente, se

desembaraçava. Naquele ponto não tinha espessura maior que uma polegada.

“O infortunado sentiu-se perdido. Um frio mortal o gelou até a medula. Quis gritar; impossível. Aliás, para quê? agora estava na metade do caminho.

“No fundo, numa profundidade vertiginosa, percebia, menos brilhantes que vermes luzindo na grama, as lâmpadas dos operários.

“No alto, a abertura do poço se lhe afigurava tão estreita que parecia não ter o diâmetro do gargalo de uma garrafa.

“E subia sempre, e um a um, os fios de cânhamo rebentavam-se.

“E nenhum meio de evitar a queda horrível, porque – ele o via e sentia perfeitamente – o cabo se romperia antes que o cesto atingisse o alto.

“Tal era a sua angústia mortal, que teve a idéia de abreviar o suplício, precipitando-se.

“Hesitava, quando o cesto chegou à flor do solo. Estava salvo. Foi soltando um grito formidável que saltou em terra.

“Este grito o despertou. A horrível aventura não passara de um sonho. Mas estava num estado lamentável, banhado de suor, respirando com dificuldade, incapaz do menor movimento.

“Enfim, pôde tocar a campainha e vieram socorrê-lo. Mas as pessoas do albergue quase se recusavam a reconhecê-lo. Seus cabelos negros estavam grisalhos.

“Ao pé da cama se achava, desenhado por ele, a planta dessa mina que ele não conhecia. A planta era de exatidão maravilhosa.”

Não temos outra garantia da autenticidade desse fato senão o relato acima. Sem nada prejudicar a respeito, diremos que tudo quanto relata está dentro do possível. A planta da mina, traçada pelo engenheiro durante o sono, não é mais surpreendente que os trabalhos que executam certos sonâmbulos.

Para a fazer exata, foi preciso que a visse. Já que não a viu com os olhos do corpo, viu-a com os olhos da alma. Durante o sono, seu Espírito explorou a mina: a planta é a prova material. Quanto ao perigo, é evidente que nada havia de real; não passou de um pesadelo. O que é mais singular é que, sob a impressão de um perigo imaginário, seus cabelos se tenham tornado brancos.

Este fenômeno se explica pelos laços fluídicos que transmitem ao corpo as impressões da alma, quando esta dele está afastada. A alma não se dava conta dessa separação; seu corpo perispiritual lhe fazia o efeito de seu corpo material, como acontece muitas vezes após a morte com certos Espíritos que ainda se julgam vivos e se imaginam entregues às suas ocupações habituais. Não obstante vivo, o Espírito do engenheiro se achava numa situação análoga; tudo era tão real em seu pensamento como se estivesse em seu corpo de carne e osso. Daí o sentimento de pavor que experimentou, vendo-se prestes a ser precipitado no abismo.

De onde veio esta imagem fantástica? Ele mesmo criou, pelo pensamento, um quadro fluídico, uma cena da qual era o ator, exatamente como a Sra. Cantianille e a Irmã Elmérich, das quais falamos em nosso número precedente. A diferença provém da natureza das preocupações habituais. Naturalmente o engenheiro pensava nas minas, ao passo que a Sra. Cantianille, em seu convento, pensava no inferno. Por certo ela se julgava em estado de pecado mortal, por alguma infração à regra, cometida por

instigação dos demônios; exagerava-lhe as conseqüências e já se via em seu poder. Estas palavras: “Eu apenas consegui muito bem merecer a sua confiança” provam que sua consciência não estava tranqüila. Aliás, a descrição que ela faz do inferno tem algo de sedutor para certas pessoas, pois os que consentem em blasfemar Deus, louvar o diabo e têm a coragem de afrontar o medo das chamas, são recompensados por prazeres inteiramente mundanos. Nesse quadro foi possível notar-se um reflexo das provas maçônicas, que sem dúvida lhe tinham sido mostradas como o vestibulo do inferno. Quanto à Irmã Elmérich, suas preocupações são mais suaves; ela se compraz na beatitude e na veneração das coisas santas. Por isso suas visões são a sua reprodução.

Na visão do engenheiro, há, pois, duas partes distintas: uma, real e positiva, constatada pela exatidão da planta da mina; outra, puramente fantástica: a do perigo que correu. Esta talvez seja efeito da lembrança de um acidente real dessa natureza, do qual teria sido vítima em sua precedente existência. Pôde ser provocada como advertência para tomar as precauções necessárias. Estando encarregado da direção da mina, depois de semelhante alerta, não negligenciará as medidas de prudência.

Eis um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações experimentadas numa outra existência. Não sabemos se já o citamos noutra parte; não tendo tempo para verificar, recordamo-lo com risco de fazer uma repetição, porque vem em apoio do que acabamos de dizer.

Uma senhora do nosso conhecimento pessoal tinha sido educada num pensionato de Ruão. Quando as alunas saíam para ir à igreja ou para passear, essa senhora era tomada, num certo ponto da rua, por uma comoção e por uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que ia ser precipitada num abismo. Isto se repetia cada vez que passava por aquele lugar e por todo o tempo em que esteve naquele pensionato. Havia deixado Ruão há mais de vinte anos, mas, tendo ali retornado há poucos anos, teve a

curiosidade de ir rever a casa que tinha habitado; ao passar pela mesma rua experimentou a mesma sensação. Mais tarde, tendo-se tornado espírita, o fato lhe voltou à memória, pediu a sua explicação e lhe foi respondido que, outrora, naquele lugar, havia muralhas com fossos profundos, cheios de água; que ela fazia parte de um grupo de senhoras que concorreram para a defesa da cidade contra os ingleses e que todas tinham sido precipitadas nos fossos e ali perecido. O fato é relatado na história de Ruão.

Assim, depois de séculos, a terrível impressão dessa catástrofe ainda não se havia apagado de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico ou perispiritual, que havia recebido a primeira impressão e reagia sobre seu corpo atual. Assim, um sonho poderia lhe retrair a imagem e produzir uma emoção semelhante à do engenheiro.

Quantas coisas nos explica o grande princípio da perpetuidade do Espírito e do laço que une o Espírito à matéria! Talvez jamais os jornais, negando o Espiritismo, relataram tantos fatos em apoio das verdades que ele proclama.

Variedades

MEDIUNIDADE DE VIDÊNCIA NAS CRIANÇAS

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Caen:

“Ultimamente eu estava no hotel Saint-Pierre, em Caen; tomava um copo de cerveja enquanto lia um jornal. A filhinha da casa, creio com cerca de quatro anos, estava sentada na escada e comia cerejas. Não percebia que eu a via e parecia entregue numa conversa com seres invisíveis, aos quais oferecia cerejas. Tudo o indicava: sua fisionomia, seus gestos, as inflexões da voz. Ora se virava bruscamente, dizendo: Tu, tu não as terás; não és gentil. – Eis para ti, dizia a uma outra. – Então, o que é que me atiras? dizia

a uma terceira. Dir-se-ia rodeada por outras crianças; ora se levantava, estendia as mãos, oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam dar gargalhadas. Esta pequena cena durou mais de meia hora e a conversa só terminou quando a menina percebeu que eu a observava. Sei que muitas vezes as crianças se divertem em *apartes* deste gênero, mas aqui era completamente diferente; a fisionomia e as maneiras refletiam impressões reais, que não eram as de um jogo representado. Eu pensava, sem dúvida, que era um médium vidente ainda verde, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, aí colheriam numerosos casos de observação e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos.”

É lamentável que o nosso correspondente não tenha tido a idéia de interrogar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava. Teria podido assegurar-se se a conversa realmente tinha ocorrido com seres invisíveis e, neste caso, daí poderia ter saído uma instrução tanto mais importante porque, sendo o nosso correspondente um espírita muito esclarecido, poderia dirigir utilmente as perguntas. Seja como for, muitos outros fatos provam que a mediunidade de vidência é muito comum, se não mesmo geral, nas crianças, e isto é providencial. Ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm buscá-la em seu retorno. Mostram-se a elas nos primeiros tempos, a fim de que a transição não seja muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem a perder de vista. A filhinha em questão, em vez de ser, como pensa o nosso correspondente, um médium vidente ainda verde, bem poderia estar em seu declínio, e não mais gozar desta faculdade para o resto da vida. (Vide a Revista de fevereiro de 1865: *Espíritos instrutores da infância*).

Allan Kardec

